



LILLO CLARETO, DIVULGAÇÃO

Estreante (só) na FICÇÃO

Eliane Brum lança o romance 'Uma Duas', após duas décadas atuando no jornalismo

Maristela Scheuer Deves

Uma das mais premiadas jornalistas brasileiras, a gaúcha Eliane Brum trabalhou por 11 anos no jornal Zero Hora, em Porto Alegre. Posteriormente, mais 10 na revista Época, em São Paulo. Também lançou três livros-reportagens (*A Vida que Ninguém Vê*, *Coluna Prestes – O Avesso da Lenda e O Olho da Rua*). Ano passado, decidiu reinventar-se outra vez, dedicando-se aos livros e aos documentários. Essa mudança deu forma a um antigo sonho: escrever ficção, ramo em que acaba de estrear com *Uma Duas* (Editora LeYa, 176 págs., R\$ 34,90).

– Depois de ouvir histórias reais, histórias do “outro”, por mais de 20 anos, percebi que há certas realidades que só a ficção suporta. Para expressá-las, eu precisava de uma outra voz – conta.

Coincidentemente, na mesma época ela recebeu de Tainã Bispo, da Editora LeYa, o que classifica como uma proposta de sonho para qualquer pessoa que tenha a pretensão de escrever: um livro sobre o que quisesse, para ser lançado pela editora, pertencente a um conglomerado português recém instalado no país e disposto a investir pesado no mercado. Assim, começava a se desenhar *Uma Duas*, história que trata do relacionamento de uma mãe e uma filha, lançado em junho.

As duas décadas de vivência do jornalismo, claro, influenciaram em sua estreia na ficção:

– É como se a multidão de vozes que escutei durante anos, por tantas geografias, agora fosse “desfiltrada” e emergisse de dentro. E só existem tantas vozes dentro de mim por causa das centenas, talvez milhares de pessoas que escutei nestes 23 anos de reportagem. Me considero uma “escutadeira” da realidade

Eliane acabou descobrindo que a escrita ficcional é um processo solitário. Mas sentiu uma grande emoção quando, depois de pronto o original, viu seu marido, João, falando das personagens:

– Foi uma sensação incrível. Afinal, aquelas pessoas só existiam porque eu as havia criado. Por outro lado, eu não concordava com a interpretação que ele fazia delas. E as defendia. É um processo muito maluco, brutal e maravilhoso, ao mesmo tempo.

A escritora-jornalista conta que sempre começa a escrever dentro de si mesma, como já fazia nas reportagens. Só passa tudo para o papel quando tem boa parte da história pronta em mente.

– Por isso nunca sei dizer quanto tempo levei para escrever. O tema e as personagens emergiram de mim, como uma possessão mesmo, só que uma possessão de mim por mim. E, muitas vezes, faziam o que queriam, à minha revelia.

A ideia inicial, explica, era ter apenas uma narradora, Laura, a filha.

– Um dia acordei com a voz da Maria Lúcia, a mãe, falando, falando mesmo, na minha cabeça. Achei que tinha me tornado esquizofrênica. Ela dizia algo assim: “O que você está escrevendo está errado. Eu quero dar a minha versão”. Fiquei com raiva e resisti por duas semanas, mas ela não me deixava em paz, eu não conseguia dormir sem que ela me acordasse. Então ela invadiu o livro, do jeito que está contado ali – relata.

O resultado é uma trama de afetos e ódios, narrada ora por uma, ora por outra das protagonistas, numa teia de subjetividades. Um livro que, como destaca a autora, agora está fora de seu controle:

– Você escreve um livro, mas depois ele vai para o mundo. O leitor é também um escritor, continua escrevendo o livro. E não há duas leituras iguais.

Por isso, a jornalista tarimbada dá lugar a uma escritora com sensação de estreante, com um frio na barriga:

– Construí um nome na reportagem, e de repente me aventurei em algo totalmente novo, em torno do qual há sempre muito mito, que é a literatura. Tenho um iceberg no lugar da barriga e nem sei há quantas semanas não durmo...

Fale com a repórter

maristela.deves@pioneiro.com

